

Análise de construção de sentido em redes digitais: a política das diferenças no caso da Rede Ninja de Opinião

ANALYSIS OF CONSTRUCTION OF MEANING IN DIGITAL NETWORKS:
THE POLITICS OF DIFFERENCES IN THE CASE OF REDE NINJA DE OPINIÃO

— *Maria Clara Aquino Bittencourt*

Doutora e mestre em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pós-doutorada pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
E-mail: aquino.mariaclara@gmail.com

Christian Gonzatti

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
E-mail: christiangonzatti@gmail.com

Recebido em 12 de setembro de 2017. Aprovado em 6 de fevereiro de 2018.

Resumo

Este artigo analisa um caso específico dentro de um projeto de pesquisa que investiga a produção e a circulação de conteúdos jornalísticos por coletivos midiáticos brasileiros, desde agosto de 2015. O mapeamento dos coletivos indica que questões de gênero, raça e sexualidade recebem destaque em alguns dos grupos analisados. Desde março de 2017, o coletivo Mídia Ninja vem constituindo a Rede Ninja de Opinião. Aqui investigamos a formação

dessa rede por meio do método de análise de construção de sentidos em redes digitais, considerando três colunas publicadas no site e na *fanpage* do coletivo no Facebook para identificar os sentidos acionados e mostrar como o coletivo estimulou a produção de sentido pelas redes digitais.

Palavras-chave: Jornalismo digital. Análise de construção de sentido. Rede Ninja de Opinião. Coletivos midiáticos. Sites de redes sociais.

Abstract

This paper analyzes a specific case within a research project that investigates the production and circulation of journalistic contents by Brazilian media collectives since August 2015. Mapping of the collective indicates that issues of gender, race and sexuality are highlighted in some of the groups analyzed. Since March 2017, the collective *Mídia Ninja* has been constructing the *Rede Ninja de Opinião*. Here, we analyze the formation of this network through the

method of analysis of construction of meaning in digital networks by using three columns published on the site and the fanpage of the collective on Facebook in order to identify the meanings triggered and show how the collective stimulated the production of meaning through digital networks.

Keywords: Digital journalism. Analysis of meaning construction. Rede Ninja de Opinião. Media collectives. Social networking sites.

Introdução

No Brasil, o fortalecimento do que chamamos de coletivos midiáticos vem acontecendo desde os protestos de junho de 2013. Amparados em estratégias de cobertura midiática voltadas para a produção e a difusão de conteúdos sobre atos e mobilizações que acontecem nas ruas, grupos desvinculados da mídia de massa utilizam diferentes ferramentas de comunicação digital para colocar em circulação conteúdos que são pouco, ou quase nada, divulgados por veículos jornalísticos de maior visibilidade no cenário midiático nacional. Partimos da perspectiva de que a midiatização do ativismo, atrelada às noções de convergência e espalhamento (AQUINO BITTENCOURT, 2015), permite-nos articular análises sobre as atividades de cobertura empreendidas por esses grupos, e é por meio desse mecanismo básico de investigação que atuamos dentro de um projeto de pesquisa que estuda a atividade de coletivos midiáticos desde agosto de 2015.

Desde então, construímos um mapeamento de coletivos brasileiros que vêm se sobressaindo no cenário de cobertura jornalística das questões políticas do país, observando, ao longo dessa trajetória, a atenção que questões de gênero, raça e sexualidade recebem em alguns dos grupos analisados. Desde março de 2017, o coletivo Mídia Ninja, que se destaca nas análises realizadas pelo grupo envolvido no projeto, diante da representatividade atingida, vem anunciando uma série de novos colunistas. Chamada de Rede Ninja de Opinião, a leva de escritores é bem ampla e formada por pessoas de características bastante diversas. São figuras públicas que transitam por diferentes setores da sociedade, mas que, de modo geral, defendem posicionamentos de esquerda e relacionados aos

direitos humanos. Alguns possuem filiação partidária e até exercem mandatos eletivos, outros apenas declaram afinidades político-ideológicas. Alguns são jornalistas, outros, celebridades, entre diversas características que compõem a extensa lista de colaboradores que vem sendo apresentada nas mídias digitais do coletivo.

Este artigo tem como principal objetivo analisar o movimento de criação da Rede Ninja de Opinião, dentro do conjunto de estudos já em andamento sobre os processos de produção e circulação de conteúdos midiáticos a respeito da conjuntura política do Brasil. Partindo do método de análise de construção de sentidos em redes digitais, desenvolvido em pesquisas do Laboratório de Investigação do Ciberacontecimento (LIC) (HENN, 2014), avaliamos três textos publicados por colunistas do coletivo para identificar os sentidos acionados no site e no Facebook do Mídia Ninja. Com esse processo pretendemos mostrar como o Mídia Ninja estimulou a produção de sentido por meio das colunas publicadas em seu site e compartilhadas na sua *fanpage*.

Produção e circulação de conteúdos por coletivos midiáticos

Pela premissa de mediatização do ativismo que embasa nossas investigações, entendemos que mais do que pensar os modos de organização de protestos e mobilizações articulados por intermédio das redes digitais, o que merece a nossa atenção são as formas pelas quais se desenrolam as ações que reportam as atividades dos movimentos em rede. Gohn (2010, 2014) nos fornece a sustentação teórica que garante o avanço nessa discussão, a qual reforça o olhar para o instrumento comunicacional não apenas como ferramenta de organização, mas como aparato que assegura a função do dispositivo de comunicação enquanto elemento informativo no cotidiano dos movimentos.

A noção de mediatização é semeada já nos alicerces do projeto para tratar de algo que não é recente, mas que foi potencializado pela digitalização de processos de produção e circulação de conteúdo. Braga (2012) nos auxilia a partir de argumentações sobre o atravessamento dos campos sociais específicos, que tem como consequências situações indeterminadas e experimentações correlatas. Fausto Neto (2008) relata a disseminação de novos protocolos técnicos na extensão da organização social e a intensificação de processos que transformam tecnologias em meios de produção, circulação e recepção de discursos. A noção de mediatização apresentada pelo autor se baseia na ideia de apropriação, que intensifica a conversão de tecnologias em meios. Essa conversão é cadenciada por apropriações sociais, de modo que a mediatização é a atividade que ultrapassa o domínio dos meios em si, expandindo-se ao longo da organização social e conferindo-lhe uma nova dinâmica. Questões fundamentais a respeito da interferência dos meios na cultura e

na sociedade decorrem da midiaticização. Nesse sentido, Hjarvard (2014) trabalha com o entendimento de que a influência da mídia acontece não só sobre as sequências comunicativas entre os atores sociais e as mensagens, mas também na relação entre os meios e as outras esferas sociais.

No contexto dos movimentos em rede (CASTELLS, 2012) e das coberturas realizadas pelo Mídia Ninja concomitantemente ao que é produzido pelos veículos de massa, a reflexão que o projeto tem promovido sobre os processos de produção e circulação de conteúdos midiáticos por essa pluralidade de atores revela grande multiplicidade de sentidos. De modo que, no caso da Rede Ninja de Opinião, tem-se um exemplo relevante a ser observado e investigado para que se compreenda como o grupo busca promover, além da transmissão de opinião sobre diversos temas nas redes, a circulação de sentidos mediante o aproveitamento das características do ambiente on-line. Os conceitos de espalhamento (JENKINS; GREEN; FORD, 2013) e convergência (AQUINO BITTENCOURT, 2017), também norteadores do projeto, encaixam-se na condução desta observação, pois levam em conta os objetivos de propagação que o coletivo visa ao publicar os conteúdos das colunas no site e nas mídias sociais, ao mesmo tempo que colocam em discussão a forma como o Mídia Ninja seleciona e organiza a publicação desse conteúdo nos espaços midiáticos que utiliza, gerando reflexões que vão além das possibilidades técnicas exploradas com o uso das plataformas e ferramentas digitais. A produção e a circulação de informação promovidas pelo coletivo por meio dessas apropriações geram desdobramentos sociais e culturais que podem ser averiguados a partir do formato dos conteúdos e dos sentidos que se originam com da publicação desses formatos. Em análises anteriores observamos os níveis narrativo, estratégico e técnico desses processos (AQUINO BITTENCOURT; GONZATTI, 2017). Dessa vez, o objetivo é atentar para o acionamento de sentidos em torno dessa carga de conteúdo opinativa que vem sendo gerada pela rede de colunistas do coletivo. Coelho (2017), ao analisar a maneira como os jornais lidam com os comentários dos leitores, destaca que, com a internet, novos modos de relacionamento são gerados, tanto em termos interpessoais como entre os diferentes campos sociais. A observação do autor, nesse sentido, é útil para pensarmos o quanto esse atravessamento entre campos pode estimular a produção de sentidos por atores que circulam por diferentes espaços acionados pelos coletivos. Resta-nos avaliar se as narrativas construídas nas colunas geram uma semiodiversidade (HENN, 2014) que condiga com o ideal de democracia que coletivos como o Mídia Ninja esperam produzir em um meio como a web, valendo-se do uso de ferramentas de comunicação digital na tentativa de criar uma narrativa diversa ou um fluxo informativo

que, se não contrapõe ou subverte, ao menos gere visibilidade para pautas não abordadas pela mídia de massa.

Dos sentidos inaugurados pelas colunas do Mídia Ninja

O Mídia Ninja – Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação é o coletivo midiático que mais rende análises dentro do grupo de coletivos que compõe o projeto em andamento. Em atividade antes mesmo dos protestos de junho de 2013, o coletivo aciona uma série de questões que envolvem a produção e a circulação de conteúdo pelas redes digitais, e acaba se tornando para o jornalismo um objeto que abre diversas vertentes de investigação. Neste artigo, como já dito, nosso foco é analisar a produção de sentido provocada pelas colunas que o coletivo disponibiliza em dois espaços na rede.

Henn (2014) propõe, a partir da revisão de teorias do acontecimento e tendo como lente epistêmica a semiótica, o conceito de ciberacontecimento para entender os processos em sites de redes sociais que reconfiguram o jornalismo. Compreendendo as territorialidades digitais como espaços profícuos para ação, geração e propagação de signos, o que é denominado por Peirce (2002) como semiose, é possível visualizar as dinâmicas que inauguram acontecimentos tramados na cultura digital. Em Lotman (1996), Henn busca a noção de semiosfera para apontar a forma como os signos constituem o nosso mundo simbólico e geram a cultura, sinalizando os diferentes sentidos que emergem dos objetos. Os ciberacontecimentos, dessa maneira, emergem da intensidade semiótica dos sites de redes sociais. Em relação ao jornalismo, Henn e Oliveira (2015) falam do aparecimento de uma crise sistêmica que reconfigura os lócus das semioses: antes um objeto-acontecimento era interpretado pelo jornalismo e levava à emergência da notícia-signo, agora o signo se desprende da notícia, dada a forma como os acontecimentos podem ser reverberados por interpretações dos mais diferentes públicos. As microconexões que integram essas processualidades, seja no Twitter, Facebook ou Instagram, podem ser visualizadas como rastros semióticos que detalham os sentidos que despontam e levam ao surgimento de um ciberacontecimento. E é a esse detalhamento que se dedica a análise de construção de sentidos em redes digitais (HENN; GONZATTI; ESMITIZ, 2017).

A metodologia supracitada configura-se como uma visão dos processos em rede diferente da análise de redes sociais (RECUERO; BASTOS; ZAGO, 2015), pois tal esforço utiliza softwares de captura de conexões em sites de redes sociais, como o Twitter e o Facebook, para gerar grandes mapas que demonstram polarizações a partir do uso de palavras-chave,

e dão uma visão mais macro das conversações em rede, o que não é o foco da análise de construção de sentidos em redes digitais. O método tem um teor altamente cartográfico – no sentido de Rolnik (2014), em que a subjetividade guia o desenvolvimento dos trajetos do(a) pesquisador(a) – e exploratório, inspirado nos movimentos metodológicos de Walter Benjamin (2006) na obra *Passagens*. Mediante três movimentos – mapeamento e identificação, agrupamento de constelações de sentidos e inferências – desenvolve-se uma visualização das semioses que são ativadas por determinado objeto/signo. Primeiro, ocorre a coleta dos signos utilizados em um cenário de produção de sentido, identificando quais os contextos e as controvérsias que estão sendo relatadas nas conversações. É comum manter um arquivo com anotações e observações a respeito desse movimento. Depois, cada elemento salvo no mapeamento é analisado e recebe uma atribuição de sentido. Conforme avançamos no *corpus*, diferentes signos passam a ser marcados com os mesmos sentidos, o que caracteriza o agrupamento de uma constelação de sentido. Por fim, cada constelação de sentido é desdobrada textualmente, sendo problematizada segundo a perspectiva teórica e o problema colocados pela pesquisa.

Neste caso, nosso foco não está na compreensão das semioses que desencadeiam e são desencadeadas por ciberacontecimentos, mas na utilização da análise de construção de sentidos em redes digitais para perceber quais os sentidos que são inaugurados em torno das novas colunas do Mídia Ninja. Entendemos, portanto, que cada publicação do coletivo midiático dispara processos semióticos que podem ser analisados a partir do já citado método. Tendo como pressupostos os três movimentos mencionados, desenvolvemos primeiro a análise em torno dos(as) colunistas. Observamos a emergência de novas colunas no site do coletivo e, a partir da identificação da pessoa responsável pelo espaço, desenvolvemos constelações que correspondem às temáticas nas quais cada um dos colunistas se encaixa. Chegamos, assim, a quatro agrupamentos de constelações de sentidos: políticas das diferenças, multiculturalidades, cidadania comunicativa e direitos humanos. No Quadro 1, é possível visualizar quem são as pessoas mapeadas e em qual constelação nós as encaixamos.

Quadro 1. Categorias de colunistas

Categoria	Colunistas
Políticas das diferenças	Monique Prada; Sâmia Bonfim; Amara Moira; Jean Wyllys; Jandira Feghali; Antonia Pellegrino; Nataly Nery; Nilma Lino Gomes; Marta Dillon; Carina Vitral; Luiza Coppeters; Gustavo Bonfigioni; Isa Penna; Indianara Siqueira; Marielle Franco; Victoria Verrastro; Driade Aguiar; Vitor Cadillac; Manoela Miklos; Camila Lanes; Laio Rocha.

continua...

Quadro 1. Continuação

Categoria	Colunistas
Multiculturalidades	Sonia Guajajara; Mãe Beth de Oxum; Daniel Zen; Bairro Ribeiro; Luiz Henrique Eloy.
Cidadania comunicativa	Juca Ferreira; Israel do Vale; Raul Santiago; Fernando Grostein; Jefferson Monteiro; Vinicius Lima; Janara Lopes; Bruno Ramos; Ivana Bentes; Cláudio Prado; Larissa Sampaio; Marielle Ramires; Pablo Capilé; Fabio Malini; Maru Whately; Pedro Inoue; Omulu; Bernardo Boechat; Renata Mielli; Jéferson Assunção; Antonio Martins; Ricardo Targino; Miguel Jost; Fabrício Nobre; Maria Claudia Rossel; Claudia Schulz; Juan Espinoza; João Brant; Alfredo Manevy; Amaru Villanueva Rance.
Direitos humanos	Guilherme Boulos; Pastor Ariovaldo Ramos; Orlando Zaccone; Tico Santa Cruz; Célio Viana; Lindberg Farias; Marcelo Freixo; Ana Julia; Ericka Gavinho; Liana Cirne Lins; Thiago Pará; William Filho; André Zanardo; Lorena Freitez; Margarida Salomão; Beatriz Cerqueira; Joaquim Melo; Manuela Canelas; Clarice Calixto.

Fonte: Elaborado pela autora e pelos autores em abril de 2017.

Desdobraremos agora, resumidamente, quais são os sentidos inferidos para cada uma das constelações – o que foi feito a partir da leitura da biografia de cada pessoa.

- *Políticas das diferenças*: Miskolci (2015) propõe que a nossa complexidade cultural, social, econômica e política seja compreendida a partir das marcas das diferenças – que podem ser de gênero, raça, sexualidade e classe, por exemplo. A partir delas, são delineados corpos que pesam e que não pesam na forma como a sociedade irá lê-los, tornando-os abjetos ou lidos como normais a partir de imposições normativas. Nessa constelação de sentido estão integrados autoras e autores que se debruçam sobre essas temáticas.
- *Multiculturalidades*: temas relacionados aos direitos culturais de grupos colocados à margem, sejam eles indígenas ou de religiões de matrizes africanas, por exemplo. A multiculturalidade (HALL, 2009) pressupõe o respeito e a convivência entre diferentes culturas, não desacreditando os conflitos que surgem nesse processo – o que a difere do multiculturalismo, que muitas vezes se torna panfletagem de uma diversidade que mantém hierarquias e mascara problemáticas em torno da cultura.
- *Cidadania comunicativa*: nessa constelação de sentido, delineia-se o caminho para a abordagem de questões mediáticas que fazem pensar em uma cidadania comunicativa (LACERDA et al., 2014). Há uma sinalização de possíveis críticas aos lugares de fala comunicacionais que partem, dada a forma como os meios de comunicação na América Latina estão centralizados em determinadas “mãos” segundo as relações de poder estabelecidas, de um posicionamento tradicional de, por exemplo, centro-periferia, e se pautam pela autoridade e hegemonia.

- *Direitos humanos*: abordam as condições por meio das quais os direitos humanos (SANTOS, 1997) podem ser colocados a serviço de uma política emancipatória, abordando questões de moradia e violência policial, por exemplo.

Entendemos que todas as constelações de sentidos que emergem das colunas estão interseccionalizadas, na medida em que se debruçar sobre as marcas das diferenças que são tornadas desiguais é, também, uma questão multicultural e de direitos humanos. No entanto, as pessoas citadas em cada uma das constelações abordam de maneira mais aproximativa determinadas questões. Visando a entender os sentidos inaugurados pela reverberação dos conteúdos de cada uma das categorias no site e no Facebook, passamos para uma segunda aplicação da análise de construção de sentidos em redes sociais. Analisando os comentários das colunas publicadas até o dia 27 de abril de 2017, percebemos que as colunas que se enquadram, segundo nossa classificação, na categoria de “Políticas das diferenças” obtinham mais interação do público. A categoria de “Multiculturalidades” praticamente não gerou nenhum movimento de interação, tanto no site quanto no Facebook. Procuramos, então, identificar as três colunas que tivessem esse processo de semiose mais intenso, o que permite uma análise de produção de sentido mais ampla. No dia 17 de abril de 2017, selecionamos duas colunas, uma de Amaira Moira e outra de Monique Prada, e no dia 27, escolhemos a de Jean Wyllys. Pela limitação de espaço deste artigo, optamos por analisar as três colunas que tinham, até aquela data, o maior número de comentários no Facebook, de maneira direta ou por intermédio de processos conversacionais.

O texto “Feminismo radical e o papel do homem”, de Amara Moira (2017) – travesti, feminista, trabalhadora sexual e autora do livro *E se eu fosse puta* –, aborda caminhos possíveis na relação do feminismo radical com a causa trans, já que muitas das mulheres pertencentes a essa vertente apresentam posicionamentos transfóbicos, que não enxergam a transexualidade como algo passível de compreensão: para elas, só é mulher quem nasceu com uma vagina, assim como só é homem quem nasceu com um pênis. A publicação no Facebook obteve 270 curtidas, 22 compartilhamentos e 30 comentários, segundo a coleta do dia 17 de abril. No site do coletivo houve cinco comentários. É importante destacar que cada comentário pode ativar respostas que integram o processo semiótico disparado pela matéria. Notamos, dessa forma, o aparecimento de quatro constelações de sentidos: Feminismos/gênero, Disputas conversacionais, Elogios/críticas e Preconceitos de gênero. Selecionamos alguns comentários que exemplificam o que está enquadrado em cada agrupamento de sentidos – destacando que todos eles estão interseccionalizados, principalmente tendo em vista que alguns sentidos funcionam como propulsores de semioses que estão além da notícia.



FACEBOOK:
270 CURTIDAS, 22 COMPARTILHAMENTOS
E 30 COMENTÁRIOS

SITE:
5 COMENTÁRIOS

CONSTELAÇÕES DE SENTIDOS:

- FEMINISMOS/GÊNERO
- DISPUTAS CONVERSACIONAIS
- ELOGIOS/CRÍTICAS
- PRECONCEITOS DE GÊNERO

Figura 1. Amara Moira

Fonte: Elaborada pelos autores em abril de 2017.

Na constelação Feminismos/gênero, diferentes feminismos entram em diálogo trazendo aspectos relacionados a gênero nos comentários. É sinalizada, assim, a pluralidade do movimento feminista, evidenciando a maneira como os movimentos sociais são constituídos por conflitos internos. Aparecem posicionamentos que defendem o feminismo como uma ideologia que pode pertencer a qualquer pessoa independentemente do sexo/gênero, destacando que a imposição de performances que geram machismo aos homens e a ruptura desse processo também é uma pauta feminista, posições que destacam que essa luta é exclusivamente das mulheres, sejam elas cis ou trans, e diálogos que dão a entender que a vertente radical que lê mulheres trans como homens é o melhor caminho feminista.

Na constelação nomeada como Disputas conversacionais, aparecem diálogos que estão direcionados a pessoas específicas e que buscam afirmar os seus posicionamentos a partir de diferentes recursos de linguagem. “Omi chato do caralho”, “esquerdomacho”, “besteira”, comentários irônicos como “ata”, “vc tá nervosinha a toa”, entre outros, são trazidos para disputas que extrapolam o campo do gênero e se demonstram fechados ao diálogo proposto pelo texto ou pelos feminismos, na medida em que são ofensas pessoais que se estendem sem trazer sentidos além de uma disputa conversacional. Ocorrem em respostas a comentários contabilizados pelo site ou pelo Facebook.

Em Elogios/críticas, aparecem alguns agradecimentos à autora pelo artigo, seja a partir de textos ou de *emoticons* como um coração. Em contrapartida, pessoas apontam a matéria como uma distorção do feminismo radical, afirmando que a Mídia

Ninja não dará espaço às mulheres dessa vertente e que elas devem buscar as suas próprias maneiras de serem visibilizadas. Algumas críticas atacam diretamente a autora, trazendo narrativas que a descrevem como uma farsante que quer pintar o feminismo radical como um movimento de ódio e que isso é motivo para se decepcionar com a Mídia Ninja. Nas outras constelações já apresentadas, alguns elogios são direcionados a comentários e por isso os trouxemos para esta constelação de sentido, por exemplo, um coração que é publicado em resposta ao comentário da própria autora que abre as conversações no Facebook a partir da publicação de um trecho do texto como comentário.

Em Preconceitos de gênero, aparecem ofensas e ataques que são motivados por questões relacionadas às mulheres cisgêneras ou aos LGBTQs (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e *Queers*). Homens trans, por exemplo, são chamados de “homem-mulher”, feministas são apontadas como pessoas que “defecam pela boca”, reitera-se a concepção de que só existem macho e fêmea e que um tem pênis e o outro, vagina – comentário feito por um homem preconceituoso, mas que se aproxima de alguns dos sentidos do feminismo radical integrados na constelação feminismos/gênero –, outros comentários apontam a homofobia como um problema que não se relaciona ao feminismo, já que são homens que matam homens, também são encontradas ofensas que associam feminismo à “viadagem” (palavra utilizada com carga pejorativa) e “retardismo”, além de fechamentos em relação às masculinidades que não possibilitam saídas culturais acerca do machismo na sociedade.

Monique Prada é prostituta e ativista pelos profissionais do sexo. Aborda a necessidade de regulamentação da profissão, retomando pontos importantes do texto do Projeto de Lei Gabriela Leite (BRASIL, 2012), fortemente atacado por feministas radicais, e também aspectos relacionados à exploração e à comercialização de serviços sexuais. Na coluna “Quem são as mulheres que podem ser rifadas?” (PRADA, 2017) discute a ação de uma turma de formandos de uma faculdade de Maceió que organizou uma rifa para ajudar a cobrir os custos da sua festa de formatura, cujo prêmio era uma “noite de prazer com uma acompanhante”. A publicação que o Mídia Ninja realizou no Facebook (QUAL O PROBLEMA..., 2017) com a coluna de Monique teve 331 curtidas, 44 compartilhamentos e 56 comentários (que acionaram 107 respostas, gerando um total de 163 comentários), de acordo com a coleta de dados do dia 17 de abril de 2017. No site do coletivo nenhum comentário foi feito. Assim, a partir de uma análise dos comentários no Facebook, identificamos cinco constelações de sentido: Feminismos/gênero, Disputas conversacionais, Elogios/críticas, Preconceitos de gênero e Regulamentação da prostituição.



Figura 2. Monique Prada

Fonte: Elaborada pelos autores em abril de 2017.

FACEBOOK:
331 CURTIDAS, 44 COMPARTILHAMENTOS
56 COMENTÁRIOS (107 RESPOSTAS)

SITE:
0 COMENTÁRIOS

CONSTELAÇÕES DE SENTIDOS:

FEMINISMOS/GÊNERO
DISPUTAS CONVERSACIONAIS
ELOGIOS/CRÍTICAS
PRECONCEITOS DE GÊNERO
REGULAMENTAÇÃO DA PROSTITUIÇÃO

Na constelação Feminismo/gênero foram classificados comentários que debatem não apenas feminismo, mas também outras questões de gênero. Os conflitos internos do feminismo são evidenciados, principalmente o embate sobre a legitimidade do papel do ator que discute o movimento: homem pode falar sobre feminismo? Homens e mulheres travam disputas verbais sobre quem pode e quem não pode performar no diálogo interno do movimento; homens saem em defesa de mulheres, que argumentam que não precisam ser defendidas, pois não se entendem como vítimas, enquanto outras reconhecem no papel do homem que busca entrar no debate uma figura ativa. Questões sobre normas, leis, regras e diretrizes dos movimentos, tidas como mais ou menos radicais por homens e mulheres, cis e trans, são colocadas em julgamento a partir da questão tratada por Monique na coluna diante da situação da rifa, no sentido de que, no caso em questão, o discurso do movimento seria apropriado e reapropriado por conveniência pelas mulheres.

Em Disputas conversacionais há uma troca de ditos verbais entre os participantes que mescla ofensas, estados de espírito, acusações e adjetivações que extrapolam o campo do gênero e que pouco contribuem para a discussão proposta pela autora da coluna. São comentários curtos, que trazem hashtags como “#esquerdomacho”, suposições do tipo “você não entendeu nada mesmo”, “ah tá, tu nem é de esquerda. Então tu está coerente, é um todo ruim”, entre outros.

Elogios/críticas configura uma constelação de sentido que varia entre elogios ao texto escrito por Monique (como “excelente texto, obrigado por compartilhar seus pensamentos”), à sua figura como prostituta e ativista pelos profissionais do sexo e também ao Mídia Ninja como coletivo, por trazer a questão para o debate e, por outro lado, críticas

ao assunto da coluna e ao coletivo. Nesse sentido, a discussão acontece sobre o posicionamento do coletivo na defesa da regulamentação da prostituição e em relação à transparência de sua posição política, como demonstram os comentários “mas não é a esquerda que quer legalizar e regulamentar a prostituição” e “mas, não são vocês que apoiam a prostituição?”, entre outros mais pontuais como “Mídia Ninja, vcs deveriam protestar contra as putas nas esquinas... essas mulheres não foram exploradas sexualmente... foi tudo consentido... a força n foi...”.

Preconceitos de gênero relaciona-se a diálogos em grande parte desencadeados por homens que acusam e/ou questionam as mulheres de fazer o que querem com seus corpos, mas não quererem ser tomadas como mercadorias. Por outro lado, mulheres explicam que o caso abordado por Monique na coluna configura exploração sexual. Outras mulheres nessa constelação julgam prostitutas por praticarem o que consideram crime e, assim, discutem a situação dessas profissionais do sexo, sem colocar em debate a escolha dessas mulheres e o papel que assumem diante de possíveis dificuldades econômicas. Há ainda mulheres que defendem as prostitutas em função dos problemas sociais e econômicos enfrentados pelo Brasil, fatores que as levariam a se prostituir para sobreviver e sustentar suas famílias. Esses comentários geralmente apoiam o texto da coluna, endossando a opinião de que nenhuma mulher deve ser rifada. Há também no entremeado dos comentários dessa constelação preconceitos de gênero relacionados tanto a mulheres cisgêneras como a LGBTQs.

Em Regulamentação da prostituição os sentidos que emergem nos comentários giram em torno de conversações que divergem a respeito da decisão da mulher em se prostituir, mas que desviam da constelação anterior ao desbravarem a lógica da exploração sobre o proletariado, alguns atribuindo a culpa da prostituição à burguesia e ao capitalismo, enquanto outros debatem questões jurídicas, levantando o ponto de que não se pode lucrar por meio da oferta de serviços sexuais prestados por outrem. Aqui aparecem comentários que buscam esclarecer perguntas feitas por pessoas que não entenderam o funcionamento da rifa montada pelos formandos de Maceió, o que revela um desvio no debate acerca de questões relacionadas ao feminismo e outras questões de gênero. A discussão se atém a aspectos jurídicos e concernentes à legislação, ainda precária, no tocante aos profissionais do sexo, havendo uma mobilização por parte de um grupo de pessoas que tenta explicar como o esquema montado pelos formandos configuraria crime de exploração sexual.

As constelações não são estanques, o que significa que dentro de um comentário as respostas podem se encaixar em outra constelação. É o caso de um comentário que inicia discutindo a regulamentação da prostituição e desemboca em respostas que, apesar

de configurarem sentidos que poderiam ser compreendidos como parte desta constelação, também se enquadram em outras. Dessa maneira, as respostas a esse comentário podem ser encaixadas tanto em Preconceitos de gênero, quando versam sobre o papel da prostituta que escolhe ou não atuar como profissional do sexo, como em Feminismos/gênero, na medida em que há uma disputa entre atores sociais na conversa sobre quem pode debater acerca da coluna naquele momento.

A coluna de estreia do deputado federal Jean Wyllys (PSOL-RJ), o único parlamentar assumidamente gay no Congresso Nacional, tratou da prisão do jovem Rafael Braga, única pessoa a ser condenada e que efetivamente cumpriu pena em regime fechado por sua participação nas manifestações de 2013. Com o título “O ícone de uma Justiça injusta e racista”, Jean (2017) perpassa vários pontos que, interseccionalizados, denotam o caráter altamente racista e classista da prisão do jovem e sua posterior condenação. O texto foi postado simultaneamente, no dia 24 de abril de 2017, na página do Mídia Ninja no Facebook e no novo site do coletivo, criado para hospedar as colunas. No Facebook havia, até o dia 27 de abril, 36 comentários diretos que somados às suas respostas – o que estabeleceu um processo conversacional – totalizavam 67 comentários. Já no site, na mesma data, havia sete comentários diretos e 12 acionados pelas respostas, em um total de 19 comentários.



Figura 3. Jean Wyllys

Fonte: Elaborada pelos autores em abril de 2017.

Praticamente metade dos comentários no *post* do Facebook focaram em desqualificar os argumentos de Jean a favor de Rafael Braga. Essas interações defendem que só são presas pessoas que “matam, roubam, estupram, traficam etc.”, excluindo-se, portanto, quaisquer fatores que possam influenciar na posição ocupada por um

jovem na sociedade, como no caso de Rafael. Ao se referir ao fato de os jovens negros e periféricos serem “público-alvo preferencial” do sistema penal brasileiro, também identificamos comentários do tipo “o público-alvo do sistema penal são os bandidos e ponto”. Esses comentários estão dispostos na constelação Gênero/raça, que é permeada por discussões acerca do fato de a prisão e a condenação terem ocorrido, sobretudo, porque Rafael é negro. Em Gênero/raça cabe ainda mencionar a questão da interseccionalidade, isto é, quando diferentes fatores de minoria política incidem sobre um mesmo corpo e denominam qual lugar ele ocupará na sociedade. As discussões que podem ser percebidas nessa constelação, em sua maioria, podem também se encaixar em Disputas conversacionais, pois boa parte dos comentários sobre gênero e raça tentaram desentendimentos.

O comentário mais comum foi, de fato, o que defende a existência de certa igualdade social, alegando que as polícias apenas prendem quem infringe a lei, independentemente de fatores como raça e classe social. “...e so tu não cometer latrocínio, não roubar, não traficar... que vc não vai pra la pohá”, defende um. Outro afirma que “parece que a polícia sai pegando negros nas ruas e prendendo só pela cor”. No meio disso, pessoas questionavam se os autos do processo foram devidamente lidos por quem comentava, numa clara tentativa de desqualificar os comentários que entendiam que Rafael havia cometido um crime e, por isso, sido condenado. Chama atenção, nesse caso, o alto número de comentários de pessoas brancas defendendo a não existência de racismo em ações policiais e, especificamente, no caso de Rafael Braga.

Os comentários estabelecem uma ligação de sentido entre si. Ao mesmo tempo que, como exposto acima, alguns defendem que não há viés racista nas ações policiais e da justiça, outros dizem que “é mais fácil colocar a culpa na estatística do que lutar por si todos os dias como todo mundo faz”, classificando a defesa de Rafael como “fraca e mal elaborada”. Como contraponto, principalmente em Disputas conversacionais, há aqueles que levantam questionamentos do tipo: “vc estava la quando ele foi preso sabe realmente se estava na boca de fumo? Sabe se o policial plantou a prova, coo diversas vezes ocorre? Vc acha que traficante vai ao protesto”. E também: “O Rafael Braga não cometeu latrocínio, não roubou, não traficou e está na cadeia”. Este comentário teve 20 likes.

Outro número considerável de comentários critica o deputado Jean Wyllys, e não propriamente o seu texto, enquadrando-se na constelação de Elogios/críticas. “Defensor de bandidos”, “Nossa esse é um bosta”, “Jean, o leitor astuto do Alcorão”, “Big Broder”, “O certo é Jean Wilyls destruidor de família”, “defesa pela boca” são alguns dos comentários que tentam deslegitimar o autor, e não necessariamente a mensagem. Nas conversações a partir desses comentários há respostas contraditórias: “Jean,

eu te apoio” e “Força, Jean” aparecem como exceções à avalanche de comentários depreciativos à coluna e ao colunista. Quando quem escreve é tão pauta quanto o assunto abordado, é comum que a mensagem transmitida fique em segundo plano e os ataques se centrem na persona. Percebemos, no entanto, que no Facebook os ataques são mais acintosos do que no site.

Considerações finais

No esforço de perceber o acionamento de sentidos em torno da carga opinativa gerada pelos colunistas da Rede Ninja de Opinião, tentamos avaliar se as narrativas das colunas geraram uma semiodiversidade (HENN, 2014) condizente com o ideal de democracia esperado pelo Mídia Ninja quando da escolha da web como espaço para divulgação dos textos das colunas, por meio do site e da *fanpage* no Facebook. Nesse sentido, é interessante perceber o quanto o entremeamento de mídia e sociedade se transforma diante do desenvolvimento das redes digitais. Coelho (2017) entende que se antes o atravessamento das mídias nos outros campos da sociedade era crescente, “hoje podemos perceber que agentes antes distanciados da produção midiática se ‘armam’ com ferramentas típicas dos meios para fazerem circular suas mensagens na sociedade” (COELHO, 2017, p. 129). Os espaços que os coletivos ocupam nas redes oferecem, tecnicamente, a possibilidade de conversação e debate sobre as opiniões que por eles publicadas, instituindo novos fluxos informacionais que independem de processos jornalísticos estabelecidos pelo que se entende aqui como mídia de massa. As estratégias de circulação adotadas inicialmente revelam um ideal de divulgação de conteúdo que almeja visibilidade. Como menciona Coelho (2017, p. 129), ainda que não sobre coletivos, mas a respeito de atores de outros campos sociais que assumem lógicas próprias dos meios de massa, “esses campos fazem circular mais do que aquilo que lhes interessa. [...] Cientes da força construtiva do jornalismo, esses campos têm observado ativamente os produtos da mídia, muitas vezes, buscando um contraponto”.

A formação de uma rede de opinião por intermédio de um conjunto de colunistas que encarnam discursos de origens culturais, sociais, políticas e econômicas diversas, mas que convergem com os ideais do coletivo, revela objetivos de construção de um discurso que propõe um contraponto ao conteúdo veiculado na mídia de massa. No âmbito do que se convencionou denominar aqui como política das diferenças, nossa análise revela manifestações sobre os conflitos internos do feminismo, evidenciando disputas que envolvem recursos de linguagem que muitas vezes extrapolam o campo do gênero, desbancando para ofensas pessoais e preconceituosas, que reforçam estereótipos e a

discriminação de minorias. As discussões sobre o posicionamento político do coletivo, por mais que este seja abertamente declarado, são recorrentes. É importante destacar que as colunas impulsionam a busca por informações que vão além do que é disponibilizado nos textos publicados – como no caso da coluna de Monique Prada, que retoma um debate a respeito da legislação sobre a regulamentação da prostituição. No caso da coluna de Jean Wyllys, ficou clara a personificação do debate, já que os ataques foram direcionados ao autor do texto, mais do que ao conteúdo da coluna em si.

Destacamos as potencialidades da análise de construção de sentidos em redes digitais em relação à compreensão de fenômenos semióticos entrelaçados às práticas jornalísticas na contemporaneidade. Nesse sentido, cada uma das matérias analisadas recupera uma territorialidade contextual, na qual semioses passam a ampliar o que foi proposto por uma determinada coluna, constituindo um cenário de intensas disputas e controvérsias que, com ressalvas que serão problematizadas no desdobramento do projeto, sinalizam semiodiversidades. Por fim, acreditamos que essa metodologia pode contribuir para a compreensão das singularidades trazidas pelos coletivos midiáticos em trabalhos futuros.

Referências

- AQUINO BITTENCOURT, M. C. As narrativas colaborativas nos protestos de 2013 no Brasil: mediação do ativismo, espalhamento e convergência. *Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación*, Quito, v. 1, n. 129, p. 325-343, ago./nov. 2015.
- _____. *Convergência midiática em redes digitais: modelo de análise para pesquisas em comunicação*. Curitiba: Appris, 2017. No prelo.
- AQUINO BITTENCOURT, M. C.; GONZATTI, C. Narrativas, técnicas e estratégias nas redes: uma análise das coberturas do G1 e do Mídia Ninja nos protestos de 13 e 31 de março de 2016. In: FREITAS, E. C.; SARAIVA, J. A.; HAUBRICH, G. F. (Orgs.). *Diálogos interdisciplinares: cultura, comunicação e diversidade no contexto contemporâneo*. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2017. p. 638-651.
- BELTRÃO, L. *Sociedade de massa: comunicação e literatura*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- BENJAMIN, W. *Passagens*. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.
- BRAGA, J. L. Uma teoria tentativa. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*, Brasília, DF, v. 15, n. 3, set./dez. 2012. Disponível em: <<http://goo.gl/dw1QOJ>>. Acesso em: 14 fev. 2018.
- BRASIL. Congresso Nacional. Projeto de Lei PL nº 4.211/2012. Regulamenta a atividade dos profissionais do sexo. Disponível em: <<https://goo.gl/h73XJ9>>. Acesso em: 25 maio 2017.
- CASTELLS, M. *Networks of outrage and hope: social movements in the internet age*. Cambridge: Polity Press, 2012.

- COELHO, A. *Jornalismo, sociedade e crítica: potencialidades e transformações*. Florianópolis: Insular, 2017.
- DIZARD JR. W. *A nova mídia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FAUSTO NETO, A. Fragmentos de uma “analítica” da midiaticização. *Revista Matrizes*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 89-105, abr. 2008. Disponível em: <<https://goo.gl/AC9Qrk>>. Acesso em: 14 fev. 2018.
- GOHN, M. G. *Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- _____. *Sociologia dos movimentos sociais*. São Paulo: Cortez, 2014.
- HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília, DF: Unesco, 2009.
- HENN, R. *El cibercontecimiento: producción y semiosis*. Barcelona: Editorial UOC, 2014.
- HENN, R.; GONZATTI, C.; ESMITIZ, F. Pussy made of steel: os sentidos inaugurados por um cartaz da Women’s March na página Supergirl Brasil. *Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos*, São Leopoldo, v. 19, n. 3, p. 401-414, set./dez. 2017.
- HENN, R.; OLIVEIRA, F. Jornalismo e movimentos em rede: a emergência de uma crise sistêmica. *Revista Famecos*, Porto Alegre, v. 22, n. 3, p. 77-95, jul./set. 2015.
- HJARVARD, S. *A midiaticização da cultura e da sociedade*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2014.
- JENKINS, H.; FORD, S.; GREEN, J. *Spreadable media: creating value and meaning in a networked culture*. New York: New York University Press, 2013.
- LACERDA, J. S. et al. Lugares de interlocução na publicidade sobre prevenção das DST/AIDS: descentralizar vozes para uma cidadania comunicativa. *Revista Mídia e Cotidiano*, Niterói, v. 5, n. 5, p. 85-110, jul./dez. 2014.
- LOTMAN, Y. *La semiosfera*. Madrid: Catedra, 1996.
- MISKOLCI, R. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- MOIRA, A. Feminismo radical e o papel do homem. *Mídia Ninja*, [S.l.], 14 abr. 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/LX6zYb>>. Acesso em: 22 maio 2017.
- PEIRCE, C. S. *The collected papers of Charles Sanders Peirce*. EUA: InteLex Corporation, 2002. Past Masters, CD-ROM.
- PRADA, M. Quem são as mulheres que podem ser rifadas? *Mídia Ninja*, [S.l.], 13 abr. 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/STNWbV>>. Acesso em: 24 maio 2017.
- QUAL O PROBLEMA da rifa... *Mídia Ninja*. [S.l.], 2017. Facebook. Disponível em: <<https://goo.gl/DmWJ2A>>. Acesso em: 24 maio 2017.
- RECUERO, R.; BASTOS, M.; ZAGO, G. *Análise de redes para mídia social*. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- ROLNIK, S. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.
- SANTOS, B. S. Uma concepção multicultural de direitos humanos. *Lua Nova*, São Paulo, n. 39, p. 105-124, 1997.
- WYLLYS, J. O ícone de uma Justiça injusta e racista. *Mídia Ninja*, [S.l.], 24 abr. 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/udpcDJ>>. Acesso em: 25 maio 2017.